

expressões conseguidas” na sua tentativa de exprimir a dor que parece indizível. O pranto é também a reação à morte de pessoas ilustres, sendo de realçar a “Elegia à morte de El-rei D. João III”, que claramente se insere na tradição do pranto poético, material já estereotipado na tradição literária, “a que acresce o reforço da visão cristã da morte e a meditação desolada acerca da miséria e efemeridade da vida” (p. 23), resultando numa aspiração final a uma “purificação inatingida”.

Num contexto em que a poesia se impunha como “forma superior de conhecimento, como meio capaz de vencer o tempo perpetuando nomes e memórias, como instrumento de elevado valor pedagógico de efeito moral e cívico” (p. 25), também Diogo Bernardes nos seus poemas, tanto de temática religiosa como profana, realizou esta conjugação do efeito estético com a eficácia da lição. Nos textos religiosos, em clara supremacia no conjunto das *Várias Rimas*, o louvor a Cristo e à Virgem conjuga-se com o exercício de uma influência transformadora sobre os leitores no sentido do arrependimento e da conversão. No que diz respeito aos poemas de caráter profano, a sua dimensão áulica, tendo em conta a poesia como instrumento de celebração e perpetuação da memória, torna-se o aspeto mais relevante: “São gestos de homenagem a importantes personagens a quem o poeta se sente ligado por relações de dependência pessoal ou política” (p. 30). Em qualquer um

dos casos, poesia religiosa ou profana, Diogo Bernardes é o “claro reflexo do universo histórico-religioso e espiritual” em que se integra, executante dos códigos sociais e literários da época.

A edição do texto da primeira edição (1594) seguiu critérios bem determinados, oferecendo uma leitura ao mesmo tempo rigorosa e eficaz. Por outro lado, a anotação levada a cabo por Maria Lucília G. Pires, abordando tanto aspetos formais como temáticos, potencia uma orientação da leitura, esclarecendo sobretudo aspetos obscuros e menos evidentes no que diz respeito a circunstâncias e intertextualidades. Se as *Várias rimas ao Bom Jesus* são uma obra do seu tempo, a presente edição constitui também um dos melhores exemplos da edição dos textos desta época, correspondendo às necessidades de um leitor de características distintas no que diz respeito aos conhecimentos e à motivação.

Sara Augusto

**ALMANAQUES E OUTROS DISPERSOS/**

**EÇA DE QUEIRÓS**

**IRENE FIALHO (ed.)**

**Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2011**

**365 páginas, ISBN 9789722719414**

Irene Fialho é a responsável científica de mais este volume da edição crítica das obras de Eça de Queirós. Integrado na secção “Vária” do Plano Editorial

que está na base da revisão crítica da obra queirosiana, *Almanaques e outros dispersos* é composto por um conjunto “de textos esparsos nos suportes de escrita, no tempo e nos locais de publicação, de diferentes géneros e objetivos editoriais, com contrastes manifestos entre textos muito curtos e outros bastante longos” (p. 15). Assim o afirma Irene Fialho na circunstanciada Introdução em que descreve o percurso literário de cada um desses textos, justifica a escolha da versão sobre a qual procede à fixação do texto crítico e explicita os critérios seguidos na reconstituição possível da verdade do texto, que o mesmo é dizer da versão diretamente saída das mãos do autor.

A reconstituição de que falamos, não sendo uma tarefa fácil seja qual for o texto em causa, revela-se particularmente complexa no caso que agora nos ocupa, tendo em conta, justamente, a origem diversa desses textos quanto ao local de publicação, mas também a diversidade dos testemunhos recolhidos. No que respeita ao primeiro dos aspetos apontados, é de assinalar desde já o atento e moroso trabalho de reunião de textos dispersos por *Almanaques*, por diferentes títulos da imprensa periódica, por números únicos de homenagem ou beneficência, por publicações de outros autores a que serviram de prefácio. Quanto ao segundo aspeto, refere-se a diversidade mencionada, não só aos suportes da escrita (são de destacar, neste caso, os álbuns particulares de restrita circulação e até

mesmo um leque que pertenceu à viscondessa de Cavalcanti), mas também à variedade dos testemunhos existentes: impressos publicados em vida do escritor, impressos publicados postumamente, manuscritos identificados que deram origem a posterior publicação e manuscritos inéditos.

A partir do que foi dito, uma primeira ilação surge como óbvia: o volume de *Almanaques e outros dispersos* traz ao conhecimento do público textos queirosianos esquecidos ou pouco conhecidos e, por isso mesmo, relegados para as margens da obra a que a tradição atribuiu o estatuto de canónica. Por outro lado, o cuidado e o rigor no cotejo entre os diferentes testemunhos de cada texto, nomeadamente em relação às peças publicadas em vida do autor, permitem reconstituir o que se supõe ter sido a última versão por ele autorizada. E se o mesmo não pode fazer-se relativamente aos póstumos, é pelo menos possível restituí-los livres de intervenções alheias que, obedecendo embora, na maior parte dos casos, a generosas intenções, nem por isso deixam de falsear a verdade da escrita queirosiana. É este um dos objetivos de uma edição crítica, mas não o único.

Com efeito, um trabalho deste tipo, correndo o risco de encontrar e revelar intervenções que, com maior ou menor amplitude, desvirtuaram o que um autor efetivamente escreveu, não pode deixar de impor a revisão do cânone que, relativamente à obra desse autor, a tradição acabou por instituir. No caso

de Eça de Queirós, o percurso editorial de romances como *A Capital!*, ou *Alves & Companhia*, publicados postumamente em 1925, serve de exemplo ao que acabamos de afirmar e repete-se em textos de menor fôlego, mas nem por isso menos importantes no que respeita à história literária de Eça e, por consequência, à história literária da segunda metade do século XIX em Portugal. Referimo-nos concretamente ao texto publicado em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, sob o título “Idealismo e Realismo (A propósito da 2ª edição de ‘O crime do Padre Amaro’)”, texto esse tantas vezes citado pela importância programática que lhe era atribuída e agora irremediavelmente desautorizado pela análise atenta a que o submeteu Irene Fialho. Segundo as suas próprias palavras, essa análise, cuidadosamente descrita na Introdução que antecede os textos críticos, levou-a à “eliminação de um texto de grande tradição doutrinária, não só dentro do cânone queirosiano mas também para os estudos sobre o período realista da literatura portuguesa. Por outro lado, mantê-lo seria perpetuar uma falsidade que se conserva há noventa anos” (p. 36).

Registe-se, por último, um terceiro objetivo concretizado no aparato crítico que, acompanhando o texto, regista as variantes que a tradição impressa ou manuscrita foi introduzindo no original e que permitem ao leitor, conforme as versões disponíveis e selecionadas para o cotejo, tomar contacto com o pro-

cesso criativo do autor ou, em sentido oposto, com o processo de erosão que se abateu sobre os textos nas sucessivas edições de que foram alvo.

Respondendo, pois, a tudo o que se espera de uma edição crítica, este volume preparado por Irene Fialho reúne vinte e quatro textos de diversa proveniência, como já foi referido, e de difícil inclusão em outros volumes cuja organização obedece sobretudo a um critério genológico. Se alguns desses textos foram votados a um discreto apagamento e muitas vezes ignorados nas resenhas bibliográficas de Eça de Queirós, outros são bem conhecidos do grande público, que os tem lido em coletâneas onde foram aleatoriamente introduzidos. A título de exemplo, são de registar textos como “Um génio que era um santo” ou “O Francesismo”, ambos recolhidos por Luís de Magalhães em *Notas contemporâneas* (1909) e em *Últimas páginas* (1912), respetivamente.

Como em todos os volumes deste projeto, também aqui se encontra uma “Nota prefacial” da responsabilidade do seu coordenador, Professor Carlos Reis, uma circunstanciada “Introdução”, os textos de Eça de Queirós, e duas “Notas biobibliográficas” – a primeira relativa ao autor e a segunda relativa à editora científica. Face à complexidade e às consequências para o cânone queirosiano do título “Idealismo e realismo”, Irene Fialho procede, em Apêndice, à transcrição diplomática dos fragmentos manuscritos apresentados ao público como um texto

acabado, em 1929, pela mão de José Maria Eça de Queirós, filho do escritor.

*Maria do Rosário Cunha*

**EÇA DE QUEIROZ REVISITADO.**

**PROPOSTAS DE LEITURA**

**MARIE-HÉLÈNE PIWNİK**

**Guimarães: Opera Omnia, 2012**

**358 páginas, ISBN 9789898309303**

Ao reunir artigos, ensaios e comunicações, escritos nos últimos vinte anos, sobre a obra de Eça de Queirós, Marie-Hélène Piwnik publica um trabalho que, se outras qualidades não revelasse, constituiria, desde logo, um importante contributo para o campo dos estudos queirosianos, evidenciando uma sensibilidade de leitura fora do comum e um excecional conhecimento dos textos queirosianos.

Académica de renome, Marie-Hélène Piwnik tem dedicado grande parte das suas investigações ao estudo da obra de Eça de Queirós, por quem confessa uma predileção de longa data, que lhe tem permitido voltar incessantemente à palavra e ao texto deste romancista português. *Eça de Queiroz revisitado* é, pois, uma dessas viagens de regresso à obra literária e paraliterária de Eça, em que a autora ensaia uma releitura de conjunto do discurso queirosiano, através da compilação, reescrita e reordenação de ensaios e artigos, produzidos ao longo de duas décadas sobre a narrativa, as ideias e a forma queirosianas.

Num aturado e hábil labor de rearticulação de textos anteriores, a autora oferece uma revisitação de temas e de obras do escritor oitocentista, talvez menos exploradas. Esta revisitação começa em “Farsas”, folhetim dominical publicado no final da década de 60 na *Gazeta de Portugal*, e vai até romances como *A cidade e as serras* ou *A ilustre casa de Ramires*, incluindo a intensa colaboração do autor na imprensa do seu tempo, bem como o seu abundante epistolário. Cada texto desta obra constitui-se como um estádio, num progressivo e circunstanciado processo de exploração de sentidos em permanente construção, conferindo-se, no final, uma coesa perspetiva de conjunto. Não se trata, portanto, de uma compilação memorialista mas antes de uma reorganização de estudos que, no entanto, teria beneficiado de uma conclusão, em que fosse claramente exposto o desejado “significado global” da releitura conjunta dos ensaios.

Assim, este livro orienta-se para o duplo propósito de agregar leituras e interpretações, que a autora foi retirando do estudo da obra queirosiana, e de atingir novas conclusões resultantes do cruzamento de perspetivas e da reorganização dos ensaios.

Percorrendo sobretudo os textos de início e fim de carreira do escritor, Marie-Hélène Piwnik como que atravessa várias décadas de trabalho literário de Eça, em busca de uma chave de decifração para a compreensão da “trajetória de um dos maiores escrito-